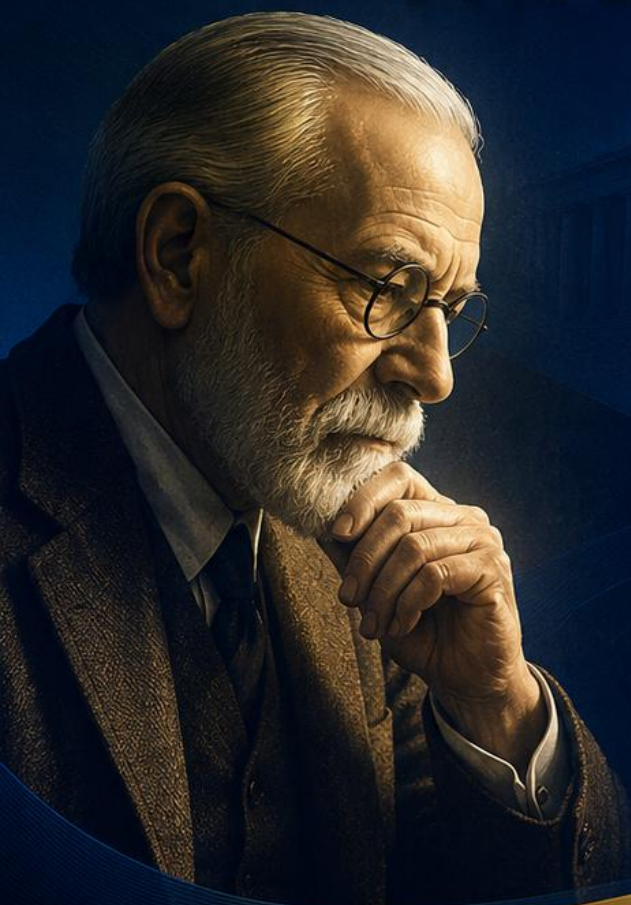


E-BOOK

O FUTURO DE UMA ILUSÃO

SIGMUND FREUD (1927)



“Quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro.”

(p. 15)

NEPP

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA
EM PSICANÁLISE



Prof. Sérgio Costa



“O pior inferno é a incapacidade de pensar.
Prof. Sérgio Costa

A consciência não é concebida na fenomenologia como um em si, como algo independente do mundo, dos outros e dos objetos. A concepção de uma consciência intencional implica no fato da consciência ser sempre consciência *de*, consciência aberta ao mundo, sempre consciência *de algo*.



Introdução

Este documento reúne algumas das principais dúvidas acerca da Psicanálise, seus conceitos e utilização, buscando informar aqueles que sentem-se atraídos por este conhecimento centenário, tão difundido entre a nossa sociedade e algumas vezes utilizado incorretamente.

Aqui, você encontrará algumas das respostas que procura e mais: encontrará as diretrizes que o farão seguir adiante no caminho da compreensão de seus medos, curiosidades e barreiras herdadas durante estes seus primeiros anos de vida.

Apesar de considerarmos diferentes perspectivas na hora de montarmos este material, as respostas listadas aqui podem refletir a opinião dos idealizadores do projeto. Portanto, sinta-se a vontade para questioná-las; contate-nos sempre que quiser oferecer uma contribuição e conheça o nosso trabalho através do site do NEPP e por meio de nossas redes sociais.

Boa leitura!

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise



I – O futuro da *Kultur*

De onde viemos? Como construímos nossa civilização? Por que temos instituições como a religião? Essas perguntas podem ser tidas como o mote deste livro de Freud. O autor começa seu livro explicitando que não só há incessante busca de respostas para aquelas indagações, como também “quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro.” (p. 15). Se perguntamo-nos sobre o passado, a questão “*qual o futuro da civilização?*” nos parece inevitável.



A cultura e o sujeito

Qual a relação do indivíduo com a cultura? Se por um lado, precisamos da civilização – para nos proteger, por exemplo – por outro, ela nos exige em demasiado. Segundo Freud, toda civilização tem de se edificar sobre a coerção e a renúncia à pulsão; sequer parece certo se, caso cessasse a coerção, a maioria dos seres humanos estaria preparada para empreender o trabalho necessário à aquisição de novas riquezas.

O que é *Kultur* (civilização/cultura)? Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. (p.16).



Por que é necessária a coerção? Pelo fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, antissociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana. A lei, portanto, desde suas formas mais primitivas evidenciadas no totem e nos tabus, até as mais complexas, como o moderno código penal, tem a função de controlar o pulsional em cada sujeito. Em Êxodo 20:3-17, podemos ter acesso aos mandamentos revelados a Moisés.



A violência, por exemplo, é coibida com a lei “não matarás”, assim como a cobiça, em “não furtarás”. A lei parece evidenciar não só a existência de um sujeito pulsional – avesso portanto, às formas de controle – mas também, duas características humanas muito difundidas, responsáveis pelo fato de os regulamentos da civilização só poderem ser mantidos através de certo grau de coerção, a saber, que os homens não são espontaneamente amantes do trabalho e que os argumentos não têm valia alguma contra suas paixões.
(cf. p.18



II - As vantagens da civilização

Quais as vantagens da civilização? Imediatamente pensamos nos bens culturais tais como os remédios, a televisão, os meios de transporte e ainda as ferramentas e armas que nos ajudam a lidar com a natureza. Se pensarmos mais cautelosamente, porém, veremos que esses bens culturais não nos trazem necessariamente mais qualidade de vida. Os remédios e seus efeitos colaterais, a poluição, a guerra são só alguns exemplos do que esses produtos civilizados causam ao indivíduo.

Frente a assertiva de que **toda civilização repousa numa compulsão a trabalhar e numa renúncia à pulsão**, perguntar qual a sua vantagem parece desalentador. Afinal, vários desejos são proibidos. O que acontece é assim descrito por Freud: “‘frustração’ é o fato de uma pulsão não poder ser satisfeita, como ‘proibição’ o regulamento pelo qual essa frustração é estabelecida, e como ‘privação’ a condição produzida pela proibição” (p.21).

A proibição de três desejos pulsionais em especial parece estar na base constitucional

do processo civilizatório. A proibição incide sobre:

- ▣ O canibalismo;
- ▣ O incesto;
- ▣ A ânsia de matar;



Proibição interna

Se, no começo do processo civilizatório, a coerção precisava ser externa, via lei e tabus, por exemplo, depois, essa coerção passa a ser internalizada. A criança vai aos poucos tornando-se um ser moral e social, na medida em que um núcleo psíquico que Freud denominou Superego (*Über-ich*) vai se formando. O superego tem como função a manutenção dos nossos valores e ideais de tal forma a coibir desejos incompatíveis com a cultura.

A internalização da lei parece funcionar bem com a maior parte da população. Há, todavia, aqueles que continuam insociáveis, por diversos motivos. E ainda há outras “incontáveis pessoas civilizadas que se recusam a cometer assassinato ou a praticar incesto, mas que não se negam a satisfazer sua avareza, seus impulsos agressivos ou seus desejos sexuais, e que não hesitam em prejudicar outras pessoas por meio da mentira, da fraude e da calúnia, desde que possam permanecer impunes (...)”. (p. 23).

Fica claro que a internalização da norma não é algo uniforme e que dependerá tanto da constituição do indivíduo, quanto de seu meio. Vemos que algumas transgressões da lei podem ser cometidas e às vezes são até legais (pena de morte, por exemplo).



Diante de tantas regras ficamos tentados a imaginar que a maior parte da população, cuja vida é limitada aos *panis et circensis* mais comuns, cedo ou tarde, se oporá à minoria que a oprime e exigirá sua parte nos bens qualitativos que ela mesma ajudou a produzir. Triste, no entanto, é a visão das massas caladas, que estão muito longe de organizar uma revolução. Preferem as diversas ilusões pacificadoras que a cultura oferece: as drogas, a televisão, o futebol e a religião, para citar alguns poucos exemplos.



A cultura e seus predicados psíquicos

O valor de uma civilização não se mede somente pela passividade da maioria. A cultura apresenta atributos próprios que podemos chamar de ideais. Esses ideais dizem respeito às estimativas das pessoas a respeito de que realizações são mais elevadas e em relação às quais se devem fazer esforços por atingir. **A satisfação que o ideal oferece aos participantes da cultura é de natureza narcísica.** (p.24). Podemos exemplificar o que foi dito acima, dizendo que um dos ideais de nossa civilização é que trabalhemos muito. Quando não conseguimos emprego, por exemplo, sentimo-nos culpados. Quando trabalhamos, por mais que soframos, há um ganho narcísico de tal forma intenso que corrobora a manutenção do trabalho. É como se ouvíssemos: “muito bem, olha como você é um bom trabalhador! Continue assim, você está cansado, mas isso é natural! Não seja preguiçoso! O que seu vizinho dirá se você estiver jogando bola, no bar todo o dia?”

Dentre os ideais culturais, a arte se destaca enquanto fornecedora de um tipo especial de satisfação a uma pequena parte dos participantes da civilização.



Segundo Freud,
...“a arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais, e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização.” (p. 25).

Se a arte está restrita a poucos, a religião não. Ao contrário, dentre os itens do inventário psíquico de uma civilização, a religião constitui-se numa das mais importantes ilusões.



O perigo como causa da civilização

Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être*, é nos defender contra a natureza. (p. 26)

Os diversos perigos como os terremotos, doenças e a morte, por exemplo, são as forças que a natureza ergue contra nós. Tudo isso só evidencia nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização.



III. Como se defender do Destino?

Contra os males da civilização, a resistência e a hostilidade servem como processos de defesa, mas contra a força da Natureza essas estratégias parecem não funcionar.

Freud indica que um processo de defesa começou a se instalar quando os homens tornaram a natureza antropomórfica. A chuva era as lágrimas de algum deus e o trovão seu brado. Enfim, aos poucos a ideia de Destino foi se formando e tornando formato semelhante a esse que vivemos na sociedade. Não podemos nada contra a tempestade ou a morte, mas se imaginarmos que a tempestade é um castigo de um ser poderoso e a morte uma passagem para uma vida melhor, o terror perante elas diminuirá. Esse ser poderoso poderá ser apaziguado, subornado e influenciado a renunciar parte de seu poder. Sendo assim, usamos métodos idênticos aos que praticamos quotidianamente com nossos semelhantes para lidar com o que nos aterroriza.



Freud vai aos poucos abrindo caminho até o ponto onde quer chegar: a função da religião é apaziguar o homem diante do terror da morte, do nada, da falta de sentido da vida. A explicação de que o sentido da vida é simplesmente o aprimoramento da mesma para a humanidade não é suficiente para o homem comum. O que ele precisa é saber por quê está no mundo, o que ele deve ou não fazer, enfim, pra onde irá depois que morrer.

O que está sendo construído por Freud não é simplesmente uma arqueologia da religião, mas, propriamente, uma nova concepção do sujeito humano. Não mais acalentado por forças divinas e poderes sobrenaturais, mas sim um ser desamparado frente ao mundo que tem poucas saídas para encontrar o mínimo de satisfação.



O Desamparo (*Hilflosigkeit*)

Sentir-se desamparado diante do mundo não é privilégio dos adultos que se perguntam pelo sentido da vida. Ao contrário, esse desamparo encontra seu protótipo na infância, período no qual temíamos e desejávamos nossos pais (em especial o pai); sabendo, contudo, de que eles nos protegiam dos perigos que conhecíamos. Na formação de mitos e religiões, o desamparo do homem permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão:

- exorcizar os terrores da natureza;
- reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e
- compensar os homens pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs. (p. 29)



Foi assim que se criou um cabedal de ideias, nascido da necessidade que tem o homem de tornar tolerável seu desamparo, e construído com o material das lembranças do desamparo de sua própria infância e da infância da raça humana. Dentre essas ideias, a de que todo bem é recompensado e todo o mal, punido, é comum por exemplo, na religião cristã.

As ideias religiosas são prezadas como o mais preciso bem da civilização, como a coisa mais precisa que ela tem a oferecer a seus participantes. Resta, então, questionar: o que são essas ideias à luz da psicologia? De onde derivam a estima em que são tidas? Qual o seu valor real?



IV. A origem de Deus

Freud acredita que o pensamento não é só a expressão de uma curiosidade desinteressada.

O que pensamos e sentimos tem motivos práticos e são construídos subjetivamente.

Dizer que as idéias religiosas podem ser encontradas na natureza parece ser absurdo para Freud. A religião é transmitida culturalmente.

Se antes, na religião totêmica, adorávamos animais e pedíamos a eles proteção e força, hoje em dia, adoramos deuses humanizados (Cristo, Buda, por exemplo).



Essa substituição se deu graças e sob inspiração da primeira forma de amar que conhecemos: a escolha anaclítica do objeto de amor. Isto é, o amor

- vem sempre apoiado em uma função orgânica.

Amamos a mãe porque ela nos amamenta. Importante salientar, porém, que a Amamentação não é a *causa* do nosso amor, mas é condição de possibilidade.



A importância da função paterna

A relação da criança com o pai é matizada por uma ambivalência característica. Ele é ao mesmo tempo objeto de amor e de temor.

Tememos o pai porque ele mesmo constitui um perigo para nós, afinal, amamos nossas mães, objeto do pai.

“Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia em sua própria proteção.” (p.36)



A importância da função paterna

Ao que tudo indica, a ideia religiosa tem seu protótipo na infância, especialmente, na relação da criança com seu pai. Importante salientar que a função paterna pode ser exercida por qualquer pessoa. Ela está dada na cultura em forma de lei, portanto, o sujeito terá acesso a ela, mesmo não tendo um pai familiar. Para Freud, a relação de amor/terror, de fascínio e servidão que mantemos com o pai é prototípica para a ideia de Deus.

Deus, no entanto, não é propriamente o interesse de Freud. O objetivo do *Futuro* é esclarecer quais as bases psicológicas para a instauração das crenças religiosas. Por que acreditamos em Deus, em espíritos, em vida após a morte? Qual a significação psicológica das ideias religiosas?



Apenas mais uma ilusão...

Freud se pergunta se não existem outras ilusões que não seja a religião. Imediatamente

ele responde que sim, elas vão desde os predicados morais, passando pelas

regulamentações políticas, chegando na mais corriqueira das relações amorosas.

Pergunta Freud: “E não acontece que, em nossa civilização, as relações entre os sexos

sejam perturbadas por uma ilusão erótica ou um certo número dessas ilusões?” (p.47).

Parece ser óbvio que as relações amorosas também estão plenas de ilusão. O que significa isso?

Vimos que a concepção de sujeito descrita anteriormente é a do sujeito desamparado.

Nós criamos nossas relações a partir do nosso desamparo. Seja com as drogas, com as religiões, com as namoradas, e todo o resto, o que queremos é suprimir a falta de amor.

O que as torna pior ou melhor? Segundo Freud, a ilusão se torna perigosa quando ela não admite críticas.



**“A IDÉIA OBSESSIVA PODE SER
CONTRÁRIA A QUALQUER LÓGICA,
EMBORA SUA FORÇA COMPULSIVA
SEJA INABALÁVEL”.**

SIGMUND FREUD

Conheça mais sobre o nosso trabalho:

nepp.com.br

Betim - Minas Gerais

(31) 99427-1641

neppbh@yahoo.com.br

<https://blogprofessorsergiocosta.com.br/>